



DOCUMENTÁRIO DIRIGIDO PARA O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL: UM RECURSO PARA A VISIBILIDADE DA CRIANÇA REFUGIADA

Documentary aimed at children and youth: a resource for the visibility of the refugee child

Susy Cristina **RODRIGUES**
Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Campinas, Brasil

susy_crs@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-3017-5787> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

O artigo apresenta uma discussão sobre o documentário que tematiza a situação de refúgio na infância dirigido para o público infantil. O objetivo é enfatizar um debate sobre a produção crítica de registros audiovisuais e sua interferência na educação, dentro do cenário da invisibilidade infantil e dos deslocamentos forçados. São elegidos para o debate teórico dois autores que representam os Estudos Culturais, a saber, Raymond Williams e Fredric Jameson. Como análise empírica foi elencado o documentário alemão "Criança refugiada Tiba" (*Flüchtlingskind Tiba*, 2015-2017), que visa problematizar os modos como a produção crítica de conteúdos midiáticos educativos possibilitam a visibilidade, compreensão e sensibilização sobre o fenômeno do refúgio. Desse modo, é abordada uma reflexão sobre o impacto e repercussão do referido documentário junto ao público infanto-juvenil. A discussão resulta em um debate, com fins de incentivar caminhos para a construção de uma cultura em comum.

PALAVRAS-CHAVE: Criança refugiada. Documentário. Educação.

ABSTRACT

The article presents a discussion on the documentary on the situation of refuge in childhood for children. The objective is to emphasize a debate on the critical production of audiovisual records and its interference in education, within the scenario of children's invisibility and forced displacement. Two authors representing Cultural Studies, Raymond Williams and Fredric Jameson, were elected for the theoretical debate. As an empirical analysis, the German documentary "Child Refugee Tiba" (*Flüchtlingskind Tiba*, 2015-2017) was listed, which aims to problematize the ways in which the critical production of educational media content enables visibility, understanding and awareness about the phenomenon of refuge. In this way, a reflection on the impact and repercussion of this documentary on the children and youth audience is approached. The discussion results in a debate, with the purpose of encouraging ways to build a culture in common.

KEY WORDS: Refugee children. Documentary. Education.

INTRODUÇÃO

Esse artigo surge do interesse de trazer à tona a questão da visibilidade da criança em situação de refúgio através do recurso audiovisual, sendo elencado para fins de uma análise empírica, o documentário produzido na Alemanha e intitulado "*Flüchtlingskind Tiba*" (Criança refugiada Tiba, 2015-2017)¹. A discussão que se segue tem como objetivo destacar como o comprometimento com a produção crítica fílmica² pode interferir no cenário da invisibilidade infantil dentro do contexto dos refugiados, refletindo seu impacto e repercussão junto ao público formado por crianças e jovens.

Segundo o autor do referido documentário, Christoph Biemann (2016), a inspiração para a produção de conteúdo sobre o tema "refugiados" surgiu através de um incômodo, ao perceber que esse assunto já fazia parte do cotidiano dos alemães. Biemann (2016, p. 32) relata que "se sentiu forçado" a informar e ocupar as crianças com a temática da situação de refúgio e que o objetivo da produção audiovisual se deteve em mostrar como uma criança refugiada é recebida na Alemanha e como essa experiência é vivenciada. O autor ainda acrescenta que, ao apresentar a história e o cotidiano de uma menina síria como personagem principal do documentário, a visão comum do "anonimato em massa" das crianças refugiadas poderia ser deixada para trás.

Para o debate teórico, foram eleitos para esse artigo especialmente Fredric Jameson³ e Raymond Williams⁴, autores circunscritos nos Estudos Culturais. O procedimento metodológico centrou-se em uma pesquisa bibliográfica e não se deteve em realizar uma "análise interna" técnica sobre os elementos da linguagem audiovisual como planos, sequências ou enquadramentos, mas sim, ocupou-se em realizar uma breve "análise externa" como objeto empírico do documentário. Segundo Penafria (2009, p. 7) analisar os aspectos externos de um filme significa obter o "resultado de

¹ O documentário pode ser acessado somente na língua alemã e está disponível *online* em: https://www.wdrmaus.de/filme/sachgeschichten/fluechtlingskind_tiba_teil1.php5.

² Para mais detalhes consultar a ANCINE (Agência Nacional de Cinema), que estabelece definições para as obras audiovisuais – cinematográficas ou videofonográficas – subdividindo-se em curta-metragem (com duração igual ou inferior a quinze minutos), média-metragem (com duração entre quinze e setenta minutos) ou longa-metragem (com duração superior a setenta minutos), além da minissérie (com duração de até mil e trezentos minutos) e do telefilme (com duração entre cinquenta e cento e vinte minutos), sendo que esse último pode ser obra documental, ficcional ou de animação (BRASIL, 2006).

³ Fredric Jameson (1934 -) é autor marxista norte-americano nascido em Cleveland, crítico da cultura contemporânea que se dedica aos estudos e análise de literatura, arte, cinema, arquitetura e teoria.

⁴ A obra de Raymond Williams (1921-1988) é pouco conhecida no Brasil, sendo seus livros escritos no original em inglês e as traduções feitas na maioria para o espanhol e francês. Poucas de suas obras foram traduzidas para a língua portuguesa. O teórico nasceu no País de Gales, em Llanfihangel Crucorney e foi um dos pioneiros dos Estudos Culturais, tendo transitado pela sociologia, comunicação, cultura, educação, crítica literária e dramática, ficção e militância (CEVASCO, 2001).

um conjunto de relações e constrangimentos nos quais decorreu a sua produção e realização, como sejam o seu contexto social, cultural, político, econômico, estético e tecnológico”.

Com fins de determinar preliminarmente o lugar do tema “refúgio”, é de se assumir que esse fenômeno contemporâneo global pode ser compreendido como um dos sintomas de uma crise econômica, política e social, que se situa em uma era fragmentada, superficializada, dominada por novas relações entre mídia, transporte, tecnologia e mercado, além das mutações no espaço e o aumento demográfico em escala mundial (JAMESON, 2000).

Dada a complexidade na qual se insere o fenômeno dos deslocamentos forçados, soma-se ainda o sectarismo por grande parte da população dos países que acolhem os refugiados. Haller *et al* (2019) lista e discute discursos oriundos da xenofobia, quando o assunto é migração, asilo, integração e seus resultados, tais como por exemplo, a afirmação de que os refugiados aproveitam-se do sistema social do país de acolhida e causam mais custos, ou ao mencionar-se que os imigrantes aumentam a criminalidade do país que os aceitam, sendo que a maioria é integrante de crime organizado; ou ainda, ao referir que a maioria dos refugiados são muçulmanos, analfabetos, desqualificados profissionalmente e desinteressados em aprender a língua do país de acolhida.

Além do fator intolerância, a realidade mostra que, segundo o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, 2019), metade das 70,8 milhões de pessoas forçadas a se deslocar de seus países no mundo é composta por crianças e adolescentes e desse número, 138,6 mil estavam sozinhas ou separadas da família ou de seus genitores no momento da busca por refúgio ou asilo.

Ao objetivar a denúncia e ir contra a maré dos discursos xenofóbicos disseminados principalmente por meio das mídias sociais, o documentário que busca tematizar criticamente o refúgio, enquanto registro audiovisual contemporâneo, exerce papel fundamental para contribuir na compreensão, problematização e sensibilização da situação social dos refugiados.

Esse artigo visa inicialmente abarcar para a discussão, o cenário no qual situa-se a concepção do sujeito em relação ao “outro” que se insere em sua cultura, sua inter-relação com a mídia contemporânea e tal repercussão refletida já na infância, bem como sua conexão com a educação, em especial com as crianças que escutam esses discursos e aprendem concomitantemente a ver, perceber e aceitar ou não esse “outro”.

A escolha em divulgar o documentário “Criança refugiada Tiba” pretende “exibir, problematizar, traduzir e tornar legível o outro” através da empatia, ao mostrar a dor, o sofrimento e potencializando desse modo, o recurso audiovisual como “instrumento” e “processo de mobilização afetiva” (LOBATO, 2019, p. 200-201). Ainda dentro dessa discussão, são apontadas algumas vias e caminhos que perpassam a relação entre o processo de contato, percepção e leitura diante do registro audiovisual em questão, bem como suas repercussões nos processos de educação e mudança social.

A conclusão da discussão do presente artigo incentiva a produção e propagação de curtas ou longa-metragens, como os documentários, ou ainda o material no formato de vídeo que pode ser facilmente disponibilizado na internet, além de novas pesquisas acadêmicas para disseminar o debate sobre a emergência do assunto. Fomenta ainda sucintamente, a sugestão de um trabalho educacional, inspirado na crítica fílmica, proposta por Raymond Williams, que preza o desenvolvimento “do senso crítico da realidade e o estímulo para a ação” (PAIXÃO, 2019, p. 755).

Em suma, o presente artigo intenciona tanto o incentivo da regulação e implementação de políticas públicas que defendam os direitos humanos da população infantil, assim como a necessidade de continuidade e expansão em iniciativas e projetos cujos temas contrariem a xenofobia e todas as formas de discriminação étnica, a saber, a necessidade de uma abertura intercultural, a construção de uma “cultura em comum” (WILLIAMS, 1989), ao abarcar uma política anti-discriminatória de sensibilização em todos os níveis da sociedade.

O DOCUMENTÁRIO “CRIANÇA REFUGIADA TIBA”: AS CRIANÇAS PODEM LER E SIGNIFICAR A INTENÇÃO AUTORMAL?

Com a finalidade de traçar uma breve compreensão sobre o contexto político, social e cultural durante a criação e o desenvolvimento do documentário em questão, vale ressaltar que no ano de 2015 a Alemanha registrou um recorde no número de estrangeiros ao longo de toda a sua história, de acordo com o Departamento Federal de Estatísticas do país (*Destatis*). O governo alemão recebeu cerca de 2 milhões de estrangeiros em 2015, o equivalente a um aumento em 49%, em relação ao ano de 2014. Segundo a DW (*Deutsche Welle*, 2016), o Destatis contabilizou 1,1 milhão de refugiados em 2015. Foi firmado um polêmico acordo em 2016, envolvendo a União Europeia, com o objetivo de controlar o fluxo migratório ilegal de pessoas que chegavam até a Europa através do território turco, onde as autoridades europeias poderiam

“devolver” tais migrantes para o governo da Turquia. Ao longo dos anos seguintes, houve tensão em relação ao desrespeito parcial do acordo, bem como conflitos violentos envolvendo atualmente a Grécia, Síria e Turquia (DW, 2020).

No tocante ao campo das políticas públicas, é relevante mencionar a Lei de Integração (*Integrationsgesetz*, 2016), bem como a Lei dos Benefícios dos Requerentes de Asilo (*Asylbewerberleistungsgesetz - AsylbLG*, 1993), que asseguram entre outros direitos, o ingresso em um curso de alemão contendo orientações sobre a cultura, política e sociedade alemã, o direito à residência, bem como o acesso à educação, à saúde, ao mercado de trabalho e aos serviços de integração.

Entretanto, existem inúmeros desafios que são apontados no relatório de pesquisa intitulado “Fatores de sucesso para a integração de refugiados” (*Erfolgsfaktoren für die Integration von Flüchtlingen*). Os autores (SÖHN; MARQUARDSEN, 2017) destacam que o status de residência com duração de três anos⁵, garante a habitação comunitária em alojamentos, porém, não assegura imunidade no que concerne à situação de exclusão social, principalmente no que diz respeito aos entraves de conflitos sociais, segregação étnica, bem como a questão do aprendizado da língua alemã, do desemprego e das disparidades sociais, que atingem a vida das crianças e dos adultos refugiados. Ainda há falta de dados efetivos que suplantem o modo e sob que condições as crianças e os jovens refugiados acessam desde a educação infantil até o equivalente ensino técnico profissionalizante.

Söhn e Marquardsen (2017) reforçam a necessidade de romper com a xenofobia, questão que ainda se relaciona com a falta de credibilidade da qualificação estrangeira por parte dos empregadores e o encaminhamento dos refugiados apenas para oportunidades de subtrabalho com salários baixos. O apoio na informação sobre direitos trabalhistas, suporte de universidades e outras instituições educacionais no ensino de alemão avançado, bem como propostas sociopedagógicas, são medidas recomendadas no referido relatório, que em suma, evocam a necessidade de oferta de mais intérpretes, produção de materiais informativos em diversas línguas, recrutamento de pessoas qualificadas com antecedentes migratórios, entre outros aspectos, o que resulta em um campo fértil de pesquisa (SÖHN; MARQUARDSEN, 2017).

⁵ Esse período de três anos pode ser prolongado, desde que alguns requisitos sejam preenchidos, como por exemplo, a inserção no mercado de trabalho. Dadas as dificuldades de comunicação enfrentadas por muitos refugiados, algumas organizações de assistência social (como a *Caritas* ou a *Diakonie*) e organizações não governamentais (como a *Pro Asyl*) disponibilizam aconselhamento gratuito sobre procedimentos de asilo e/ou reconhecimento e tentam evitar as deportações (LUTTER; WESTPHAL, 2015).

Após um breve panorama sobre a realidade social, cultural e política alemã ter sido apresentado, é possível introduzir a discussão sobre o documentário “Criança refugiada Tiba”, produzido durante os anos de 2015 e 2017, financiado e transmitido pela rede de televisão alemã WDR (*Westdeutscher Rundfunk Köln*), em cooperação com outras emissoras membros do grupo ARD (*Arbeitsgemeinschaft der öffentlich-rechtlichen Rundfunkanstalten der Bundesrepublik Deutschland*), dentro do “Programa com o ratinho” (*Die Sendung mit der Maus*).

O referido programa existe desde 1971 e é um dos mais famosos entre o público infantil na Alemanha, que ao ser transmitido sempre aos domingos de manhã, contém histórias formadas por pequenos desenhos animados, além de um filme em uma área específica de conhecimento.

O documentário foi dividido em oito episódios, cada um contém em média entre sete e dez minutos e exhibe a trajetória de integração de uma família refugiada síria formada por sete pessoas – cinco crianças e seus genitores. A estação de trem em Düsseldorf na Alemanha é a imagem que abre o documentário, onde um de seus diretores, Christoph Biemann, aguarda a família Al-Abdullah chegar da Síria, juntamente com muitos outros refugiados.

Figura 1: Foto de Tiba e sua família com Christoph Biemann.



Fonte: TelevIZIon (2016).

A menina síria Tiba desempenha o papel de personagem central durante o desenvolvimento de todo o documentário, sendo boa parte das cenas e do foco das câmeras conduzidos para a criança. No decorrer da produção audiovisual, as falas de Tiba e de sua família permanecem em sua maioria em segundo plano, pois o diretor

Christoph Biemann se torna um mediador ao realizar entrevistas, alternando-se os idiomas⁶, que são traduzidos o tempo todo por uma narradora.

Quase na abertura do documentário, Tiba apresenta a Biemann todas as repartições do seu alojamento, no primeiro dia da gravação. A criança se comunica sempre sorridente, fazendo mímicas, ao tentar mostrar as repartições dentro do local, como a lavanderia, um salão de cabeleireiros, além de salas separadas contendo sapatos, roupas, itens de higiene, livros e brinquedos doados. Desse modo, a produção audiovisual empenha-se em potencializar a ação, a participação e o conhecimento de Tiba, além de trazer a centralidade para a figura de uma menina, abrangendo assim, as relações de gênero.

Em outras cenas, quando Tiba encontra-se com sua família em casa, a comunicação ocorre normalmente em árabe, onde a menina por exemplo, mostra um vidro com canela em paus e diz que percebe diferenças em comparação ao produto adquirido na Síria. Há alguns momentos em que Tiba fala em alemão, já no final das gravações, mas isso ocorre normalmente na instituição de ensino, enquanto ela faz a leitura em voz alta de textos, ou quando interage com outras crianças.

Figura 2: Foto de Tiba, ao chegar na Alemanha.



Fonte: *WDR für Kinder* (2016).

As vozes das crianças e da família, enquanto “personagens” que “representam” a própria vida real, juntamente com os outros elementos estilísticos, como a música de fundo, conferem a constituição do corpo narrativo da produção audiovisual. Por mais que as falas apareçam em sua maioria em segundo plano, devido a barreira linguística e a necessidade de tradução, há a sensação de que o documentário conversa ou tenta

⁶ Principalmente no início do documentário é o pai da família quem narra a história da família em inglês, sendo o seu diálogo com Biemann traduzido pela narradora diretamente para a língua alemã. Durante a gravação dos momentos em que a família é entrevistada pelos órgãos governamentais alemães, ou onde estão sozinhos em casa, as falas sempre aparecem em segundo plano, em inglês ou árabe, ocorrendo instantaneamente a tradução para o alemão, na voz da narradora.

dialogar com o seu público. A voz de uma oradora quase que onipresente, com entoação dirigida para as crianças, apresenta toda a trama e interage indiretamente em alguns momentos de modo reflexivo. Aqui vale retomar o pensamento bakhtiniano, pois ao narrar e se dirigir didaticamente para o público infantil com um tom em específico, pressupõe-se assim, como base na entoação

[...] estabelecer uma estreita relação da palavra com o contexto extra verbal e, por isso, ela se localiza na fronteira entre o verbal e o não-verbal, do dito e do não-dito. A entoação é especialmente sensível a todas as vibrações da atmosfera social que envolve o falante; na entoação, a palavra se relaciona com a vida. A situação extra verbal não age sobre o enunciado de fora, como uma força mecânica, mas se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação (JOBIM; SOUZA, 2008, p. 105).

Seguindo essa linha de raciocínio, compreende-se que essa significação, ao permitir a construção de valores, é mediada por características, que podem ser exemplificadas no documentário como a apresentação de várias fotos da família, onde conta-se a história de como era a vida na Síria antes da guerra e o modo tortuoso⁷ como os Al-Abdullah chegaram até a Alemanha.

O recurso fotográfico retrata a dor da família e elenca: memórias antes e depois da guerra; o pai com o corpo queimado parcialmente enfaixado por ter sido atingido por uma bomba; a prisão de Tiba e seus irmãos, incluindo uma criança de colo, junto com os seus pais em uma penitenciária na Hungria, por problemas de coleta de impressões digitais⁸; o deslocamento da família durante vinte dias, por sete países, a pé, de barco, ônibus, trem e carro, incluindo também um bote inflável em alto mar, durante a noite.

As imagens e as narrativas revelam como a família vivia de maneira estável, antes da guerra na Síria: o pai de Tiba, Omar, trabalhava como engenheiro em uma grande empresa no fornecimento de energia elétrica, as crianças frequentavam a escola, existia um lar onde a família convivia. Mas após a guerra atingir diretamente os Al-Abdullah, tudo teve que ser deixado para trás, por uma questão de sobrevivência. As cenas retratam de modo impactante os sentimentos de medo, perseguição e risco de morte, bem como a constante insegurança em relação ao próprio futuro da família, após a fuga do país.

⁷ A privação de alimentação e a falta de acesso a água, assim como os pernoites nas ruas são características relatadas que compõem o deslocamento da família em questão e que afeta muitos dos adultos e crianças que buscam refúgio ou asilo.

⁸ Os motivos pelos quais os Al-Abdullah foram detidos na prisão da Hungria não são esclarecidos ou detalhados, cita-se apenas que o fato ocorreu porque a família se negou a autorizar a coleta de suas impressões digitais.

Ao mostrar a realidade de dor e sofrimento da família, é possível entender a intenção do autor e diretor, ao remeter-se ao pensamento de Bakhtin, onde “ser significa ser para o outro e por meio do outro, para si próprio” (JOBIM; SOUZA, 2008, p. 65). A tentativa de dar visibilidade, de trazer significado ao que é ser uma criança na situação de refúgio através do documentário, sugere a capacidade da percepção e da leitura a partir do conteúdo exibido.

Portanto, enquanto ferramenta capaz de significar o real, o documentário dirigido para crianças desempenha um importante papel para pensar quem é o outro, para atribuir significados do que vem a ser uma criança, a saber, a constituição de si mesmo.

Em “A criança refugiada Tiba”, os símbolos, sinais e códigos transmitidos através da linguagem e das imagens, remontam e retratam valores, que por sua vez são lidos pelo seu público: os costumes e tradição da família Al-Abdullah são exibidos, seja na música árabe, ou ainda quando Christoph Biemann tira os sapatos para entrar na tenda onde a família está alojada com outros refugiados, emergencialmente em Duisburg.

Uma importante tradição dos sírios também é transmitida no ato de rezar cinco vezes ao dia, com duração de cerca de cinquenta minutos no total, onde o pai mostra em detalhes como o ato é realizado; a família toda participa e é apresentado um aplicativo para orientar a direção da reza. A comida típica é outro elemento apresentado em algumas cenas, nas quais a mãe de Tiba cozinha, reforçando o uso de muitos temperos e ervas aromáticas. A comemoração de aniversário de Tiba e de dois de seus irmãos também são retratados, com direito a um bolo e à canção universal de feliz aniversário, cantada porém em árabe e depois em inglês, como fazem alguns alemães.

Uma fonte repleta de valores que o autor fez questão de apresentar, foi o processo de integração no país alemão pelo qual a família vivenciou, a partir da filmagem de eventos realizados em órgãos como o Serviço de Assistência Social (*Sozialamt*). Posteriormente exibe-se a família na prefeitura, em uma repartição escolar do governo (*Schulamt*) para regularizar a vida educacional das crianças. Depois, os Al-Abdullah visitam o Departamento de Saúde (*Gesundheitsamt*) para examinar as crianças antes de frequentar uma instituição de ensino (*Schulungsuntersuch*). Pressupõe-se que há nesse sentido, a proposta da construção de uma relação entre o espectador e a realidade de Tiba e sua família, pois

Assim, dirigir um relato a outrem é, explícita ou potencialmente, como qualquer ato de expressão, evocar ou propor uma relação. É também, através disso, evocar ou pressupor uma reação ativa com a experiência que está sendo expressa, quer essa condição de relação seja vista como a verdade de um acontecimento real, quer como a significação de um acontecimento imaginado, a realidade de uma situação social ou a significação da resposta a ela, a realidade de uma experiência

privada, ou a significação de sua projeção imaginativa, ou a realidade de alguma parte do mundo físico, ou significação de algum elemento de percepção ou resposta a ele (WILLIAMS, 1977, p. 166).

A exibição do cotidiano, a saída do alojamento de emergência com a obtenção do de um apartamento para a família, o modo como Tiba aprende rapidamente a língua alemã, assim como seu pai também se apropria desse aprendizado e passa a atuar voluntariamente na tradução do árabe para o alemão na instituição não-governamental *Caritas Flüchtlingshilfe* (Caritas - Assistência para refugiados), também reforçam o quanto esses eventos são dotados de significação para o público. Desse modo, assim como pensam Arslan e Bozay (2019), é através da tela e da visibilidade produzida no contexto histórico que ocupa-se um lugar essencial na formação do nosso espaço simbólico; além disso, a tela é uma máquina que permite tornar visível aquilo que é visto, possui uma função de significado constituinte no campo simbólico, de modo a constituir uma estrutura que precede a experiência.

O referido documentário retoma em seu último episódio, uma retrospectiva resumida de toda narrativa das vivências na situação de refúgio de Tiba e sua família, onde também são apresentados acontecimentos importantes como o momento da autorização da permanência da família como refugiados no país, o dia-a-dia de Tiba na instituição de ensino em conjunto com outras crianças estrangeiras, a facilidade da criança ao fazer novas amizades, além de também aprender a tocar trompete e apresentar-se em uma orquestra, em um festival.

A produção audiovisual é capaz de transmitir a coragem, a força e o entusiasmo de Tiba diante do enfrentamento do novo, desde a adaptação em uma outra cultura, com uma nova língua e forma de escrita, bem como a construção de outras amizades.

Uma curiosidade típica da cultura dos sírios é exposta ao mostrar o irmão caçula de Tiba dando os seus primeiros passos. Para celebrar essa ocasião, a família espalha pelo chão algumas bolinhas duras brancas no formato de cerejas açucaradas, onde a criança deve pisar.

Acerca do significado de ser criança em contexto de deslocamentos, o documentário destaca cenas como o cansaço das crianças, principalmente no início, quando a família teve que trocar de alojamento em uma outra cidade e Tiba se frustra, ao ter pensado que já iriam diretamente para um apartamento, fato que ocorre posteriormente. As crianças são sempre acompanhadas pelos pais e a figura paterna exerce um papel importante como mediação e porta-voz da família, pelo fato do pai das crianças poder falar inglês e aprender rapidamente a língua alemã. A figura da mãe de Tiba é apresentada principalmente no cuidado das crianças e nas tarefas domésticas do

cotidiano, como fazer compras em supermercado, cozinhar e manter contatos telefônicos com a família na Síria, além de também frequentar uma academia durante duas vezes por semana. A relação entre os pais e as crianças é demonstrada através de interações harmoniosas, sem conflitos.

Como últimas cenas do documentário, enfatiza-se a saudade da Síria, ao mostrar a família vendo fotos de parentes e telefonando para o país de origem. O documentário permite, assim, também demonstrar fatos que são parte do cotidiano das crianças e de suas famílias, independentemente de essas serem refugiadas ou não.

Não são evidenciados ou apresentados aspectos específicos que diferenciem os elementos da cultura infantil síria em contrapartida com a cultura alemã, ou até mesmo com a brasileira. Há algumas cenas onde as crianças brincam com quebra-cabeças, desenhos e até mesmo com bonecas Barbie, assim como todos os membros da família se empenham em decorar o ambiente com balões, na comemoração dos aniversários.

Com a finalidade de divulgar notícias de como está a situação atual de Tiba, foi disponibilizado um vídeo curto publicado em abril de 2019, na página do *Facebook Die Sendung mit der Maus*, onde Christoph Biemann visita a menina e ela revela em alemão, que está muito bem e que gosta da escola, em especial das matérias de matemática, artes e alemão, citando as amigas que foram construídas. Tiba também elogia um de seus irmãos, Mohammed, que aparece no vídeo e se comunica bem na língua alemã, ao dizer que sempre tira excelentes notas em matemática.

Figura 3: Print do vídeo de Tiba e seu irmão.



Fonte: *Die Sendung mit der Maus* - Facebook (2019).

Percebe-se que o referido registro audiovisual foi produzido com um compromisso com a realidade social, pois como Williams (1977, p. 201) defendeu ao citar Sartre, “os autores envolvidos com significados revelam, demonstram e representam” como função

de engajamento social, não importando o que o público faz com o conteúdo, pois o que interessa é o compromisso, uma escolha ativa e consciente a que os autores se propõem.

A partir de uma entrevista publicada em 2016 para a revista alemã *TelevIZion*, Christoph Biemann, que trabalha desde 1972 como diretor, autor e ator para *Die Sendung mit der Maus*, explicou que criou o documentário para ocupar e alcançar as crianças com o tema “refugiados”, quando o assunto já era bastante conhecido entre todos⁹. O objetivo foi, segundo Biemann (2016, p. 32), “apresentar aos espectadores uma criança refugiada para além das massas anônimas dos refugiados”.

Como resposta do público infantil, Biemann (2016) afirmou que muitas crianças queriam enviar mesadas para Tiba, o público adulto também ofereceu apoio, inclusive emprego para o pai, porém houve a tentativa de não aceitar tais ofertas para evitar que a família recebesse vantagens devido ao documentário, considerando que os Al-Abdullah são somente uma entre muitas outras famílias refugiadas. Sobre a repercussão do público, o diretor do documentário ainda relatou:

As reações que recebemos sobre o programa foram muito diferentes. Alguns disseram: "Realmente fantástico!" Mas também recebemos recomendações sobre como curar os nossos dependentes em drogas, e também outras piores. E muitos também disseram que algo assim não tinha nada a ver com o programa. Mas aqui nós somos de uma outra opinião, caso contrário não o teríamos feito. Os próximos episódios serão em parte sobre a vida cotidiana banal. Mas, neste contexto, esta é certamente também uma mensagem (BIEMANN, 2016, p. 33).

Nesse sentido, pretende-se trazer para o campo da compreensão das intenções e da reação do público, uma reflexão que perpassa o campo da educação, a saber, no sentido de atribuir valor aos modos como as formas, os significados inferem através da linguagem uma inter-relação com a cultura. Isso quer dizer que, o documentário envolvido com um compromisso societário, diante de um tema que em linhas gerais, está sob a égide da intolerância e que não possui por si só visibilidade, principalmente quando se trata das crianças nessa situação, se direciona assim para a emancipação, “para que a educação seja uma educação para a contradição e resistência” (ADORNO, 1995, p. 183).

É privilégio pensar que o conteúdo do documentário direcionado às crianças tenha envolvido questões de ordem cultural, de identidade e alteridade, em formato de

⁹ Aqui vale citar a avaliação de Sandra Pessini, diretora do Instituto Ipsos, em entrevista à BBC News Brasil (2019): "O número de refugiados no Brasil cresceu muito, mas, em proporção à sua população, o país talvez não tenha sido tão impactado pela migração quanto países como Turquia e Alemanha - que, com populações bem menores, receberam número maior de pessoas". Ou seja, na Alemanha o tema refugiados já faz parte do cotidiano de sua população, principalmente através dos meios de comunicação.

registro audiovisual e através de um canal de televisão, capaz de no mínimo despertar um olhar para a existência do problema ou fenômeno.

Salienta-se que o conteúdo do documentário em questão trouxe impacto positivo para o sistema educacional tanto na Alemanha como na Áustria, sendo recomendado como parte de um material didático por diversos órgãos oficiais como o Desenvolvimento Escolar do Estado de Nordrhein-Westfalen (*Schulentwicklung NRW*), a Agência de Qualidade e Apoio do Instituto Estadual para a Escola (*Qualitäts-und Unterstützung Agentur – Landeinstitut für Schule*) e pelo Ministério Federal Austríaco de Educação, Departamento de Psicologia Escolar – Aconselhamento Educacional, Informação Escolar (*Österreichisches Bundesministerium für Bildung, Abteilung Schulpsychologie-Bildungsberatung, Schulinformation*).¹⁰

Um outro importante aspecto a ser considerado, é que a partir da infância se constroem inicialmente os modos como o outro e o mundo são vistos, percebidos. Assim, é relevante considerar a posição do sujeito como espectador contemporâneo e sua inter-relação com o objeto midiático cultural dentro de sua totalidade.

Não é tarefa fácil compreender como surge a capacidade de sair do efeito anestésico ao qual nos submetemos hoje, ao sermos bombardeados por cenas, imagens, logotipos, comerciais, ou seja, um conjunto de múltiplas informações presentes não apenas na mídia, mas em todo lugar no novo hiperespaço em que vivemos. Como Jameson (2000) escreveu, tudo se tornou texto, inclusive nós mesmos.

Perdemos a noção da temporalidade, ao mergulharmos nas redes sociais ou simplesmente ao assistirmos conteúdos transmitidos pela televisão. Seguindo o pensamento de Jameson (2000), o tempo passa a ser somente o aqui e o agora, o hoje, resumido em um “presente perpétuo”, onde a história, o passado e inclusive o futuro, não encontram espaço nessa nova era delirante, que quase sabota qualquer percepção sobre aquilo que vemos.

Com o excesso de informações, vindo de todos os lados, qualquer percepção para pensar sobre o significado do que vemos ou ao que somos expostos, acaba-se facilmente tornando um desafio. Logo, nessa sociedade do espetáculo, sem totalidade

¹⁰ É possível acessar mais informações diretamente nos sites dos órgãos governamentais citados em: (1) <https://www.schulentwicklung.nrw.de/cms/material-flucht-und-asyl/portraets/> (conteúdo disponível na Alemanha); (2) <http://www.schulpsychologie.at/psychologische-gesundheitsfoerderung/integration-von-fluechtlingskindern/praktische-hinweise-arbeitsblaetter-etc/unterrichtsmaterialien> (material utilizado na Áustria). Também é recomendada a leitura (apenas em alemão) de um dos materiais pedagógicos criado com a temática “refugiados” e publicado por Keßler, Wagner e But (2017), que inclusive aborda atividades em sala de aula com o conteúdo do documentário “Criança refugiada Tiba”, disponibilizado para uso a partir da Educação Básica.

de temporalidade, a noção de espacialidade também é afetada, imersa numa gigantesca teia de fragmentos de informações. Acabamos nos sentindo perdidos em meio a essa gama de dados derivados de toda uma série de artefatos tecnológicos, chamados por Jameson (2000) de “tecnologia hipnótica”, um vislumbre do “sublime pós-moderno”. Aliada a essa impotência de reconhecer tempo e espaço como o são em sua totalidade, fica então cada vez mais difícil discernir, perceber, interpretar. Dentro do conjunto dessa rede dinâmica e quase que pandemiológica de informações, constituídas pela simbiose mercado e mídia, e que envolve os âmbitos social, político, econômico e cultural, é relevante considerar esse cenário com a reflexão sobre o que Williams denominou de hegemonia, como

[...] todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor – que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente. Constitui assim um senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se, na maioria das áreas de sua vida. Em outras palavras, é no sentido mais forte uma “cultura”, mas uma cultura que tem também de ser considerada como o domínio e subordinação vividos de determinadas classes (WILLIAMS, 1977, p. 110).

Dentro desse contexto, o registro audiovisual é produto midiático cultural que se circunscreve dentro do campo das intenções que projetam determinadas reações e por sua vez, se relacionam com o modo como os sujeitos apropriam e selecionam as informações recebidas. Especialmente quando se pensa nas crianças, é importante refletir sobre o papel que a educação desempenha, no modo como os significados, diante de questões elementares, como a aceitação ou tolerância do outro, são estimulados ou esvaziados, tanto no viés familiar quanto no institucional.

Na Alemanha e no Brasil, os discursos de ódio contra os refugiados são frequentemente expressos principalmente na mídia. É lamentável como o modo hegemônico da disseminação das narrativas intolerantes está presente no cotidiano, invadindo as redes sociais e conteúdos televisivos, apenas para citar, como modo ilustrativo, a agressão violenta de um brasileiro contra um sírio, retratada na reportagem “Saia do meu país: agressão a refugiado expõe a xenofobia no Brasil” (CARTA CAPITAL, 2017), a declaração do próprio presidente da República Jair Messias Bolsonaro, ao nomear os refugiados como “escória” (JORNAL OPÇÃO, 2015), ou ainda na Alemanha, como o partido de extrema direita AfD (*Alternativ für Deutschland*) se aproveita da crise do coronavírus, para incitar campanhas de ódio contra os refugiados

(SWR/ DAS ERSTE, 2020). Infelizmente, uma grande parcela da população aceita e reproduz esses discursos (MEDIENDIENST, 2018).

Uma das explicações para compreender a aceitação e propagação dos discursos de ódio, pode ser elucidada com as ideias de Jameson (2000), pois como crítico literário, ao estudar e analisar romances e produções midiáticas contemporâneas, ele escreve que a narrativa é o tempo todo uma imagem. Mesmo não sendo um signo, ela apresenta a presença do ruído, que como um entulho, tem a função de significar o insignificável e tenciona a ausência de intenção. Não é possível desse modo, reconhecer o que se lê, na linha desses fragmentos não identificáveis, que são objetos de representação, pois “as atividades mentais são colonizadas e miniaturizadas, especializadas e organizadas, como em uma enorme fábrica moderna automatizada” (JAMESON, 2000, p. 160).

Assim, o pensamento acaba sendo bloqueado, pois a forma como os conteúdos midiáticos criam e descrevem através de um simulacro ficcional, sonhos, fantasias, a ilusão da ilusão, uma ilusão ficcional em perspectiva dialética, entre aparências e realidade, presenças e ausências, solidifica-se, portanto, a exclusão estrutural da memória ou a distância crítica, chamada por Raymond Williams de “fluxo total” (JAMESON, 2000).

Os grandes sistemas de comunicação impõem significados, valores e exercem pressão sobre a vida na base da seleção. Aqui seria base para discutir a forma como a mídia age para criar ou impor a opinião de discurso de ódio, onde: i) há uma escolha seletiva e destaque para dados e fatos em específico; ii) apresenta-se meia-verdade ou verdade parcial sobre o assunto; iii) realiza-se um trabalho para desenvolver e solidificar estereótipos e preconceitos; iv) publica-se falsos relatórios e mentiras claras; v) surgem, assim, “mitos” políticos (HALLER *et al*, 2019).

Toda essa discussão é fundamental para a compreensão do modo como os discursos de ódio têm impactado em uma política contra a construção de uma cultura em comum, ao simplesmente respeitar, aceitar, tolerar o outro.

Para fins de exemplificação empírica, foi realizada uma pesquisa com crianças na Alemanha, onde o foco era descobrir quem é a criança refugiada para o público infanto-juvenil alemão. Entre várias outras conclusões, foi afirmado que a fonte de informações sobre o tema é divulgada principalmente através dos meios de comunicação social, mas infelizmente ainda há desafios a serem enfrentados, pois as crianças e os jovens misturam imagens da mídia e do discurso social com temas e padrões de interpretação individuais. Além disso, as bases de informação dos adultos não costumam contribuir,

havendo a necessidade de clareza estruturada, com foco no pensamento e na empatia, para que desse modo o conteúdo seja compreensível (GÖTZ; HOLLER, 2016).

Enquanto a produção cultural midiática é em boa parte criada para obter lucros e acessar a grande massa da população, observa-se que no exemplo do referido documentário, é possível haver um incentivo para fazer um exercício de situar a consciência prática, proposto por Williams (1977): ao distinguirmos o que realmente está sendo vivido daquilo que apenas acreditamos estarmos vivendo, desperta-se o interesse em significados e valores tal como são vividos e sentidos ativamente; há a partir de então uma relação com as crenças que passam por assentimento formal ou dissentimento privado, por meio de uma interação nuançada entre crenças interpretadas e selecionadas e experiências vividas e justificadas.

Desse modo, Williams (1977) denomina “estrutura de sentimento” como uma hipótese cultural, na tentativa de compreender seus elementos e suas ligações numa geração ou período, de modo interativo. Paixão (2017, p. 26-27) clarifica esse conceito como “todo um modo de vida ou significados comuns que são conhecidos ou que precisam ser aprendidos como parte básica”.

A esse aprendizado no modo de viver na sociedade contemporânea, cabe à educação o papel de incentivar a inclusão do “outro” na cultura. Raymond Williams (1953) nos oferece uma pista de uma das vias, pelas quais esse trabalho pode ser realizado na prática. Ao criar o método de crítica fílmica¹¹, que embora tenha sido dirigido para a educação de adultos, é viável pensar em sua readaptação para o público infante-juvenil, que minimamente já seja alfabetizada e tenha condições de desenvolver a escrita. Segundo Paixão e Trevisan (2019), diante da tarefa de preparar um curso tutorial sobre filmes para adultos, o autor criou o referido método, composto de: i) uma crítica integrada e uma crítica prática, no formato de atividades que objetivavam a discussão e descrição dos conteúdos de extratos ou filmes curtos, assistidos na íntegra, com treinamento da observação e da memória e informações técnicas específicas para realizar as análises; ii) sessões de filmes completas, onde eram realizadas discussões no dia seguinte, sendo que no final do curso, os estudantes deveriam fazer uma análise fílmica escrita após assistirem um filme no cinema.

A sugestão do método de crítica fílmica retoma a discussão dos modos de assistir, ver, ler e ouvir, resultando em maneiras de agir, que para Williams (2010, p.

¹¹ Para um aprofundamento da compreensão sobre o método de análise fílmica de Williams, recomenda-se a leitura do artigo de Paixão e Trevisan (2019), citado no item “Referências” desse artigo, pois os autores trabalham com duas pesquisas que versam sobre as temáticas de Raymond Williams, cultura, cinema e educação.

207 *apud* PAIXÃO; TREVISAN, 2019, p. 753), se faz necessária a existência de uma “instrução para esse olhar”:

Seja o olhar individual, seja uma visão de mundo totalizadora, o método ou modo de ver é uma mediação necessária entre as experiências vividas e as cenas construídas através disso. (...) Williams insiste que é preciso ter a disposição de ver e reagir de determinado modo [pois isso] é parte essencial do sucesso do método (WILLIAMS, 2010a, p. 221, interpolação nossa). Mas que disposição é essa? É a disposição para compreender, para aprender e apreender “para onde a realidade está se formando – no trabalho, nas ruas, nas assembleias – e se envolver, nesses casos, com as necessidades com as quais as ações se relacionam” (WILLIAMS, 2010a, p. 228). Ações, não “acomodações”. Porque as ações são manifestações da experiência em movimento, isto é, “uma consciência da presença, do desafio, de visões alternativas, de participação...”, algo que “rompa a barreira entre o palco e a plateia” (WILLIAMS, 2010a, p. 229). Trata-se dos limites entre a tela e o público, que revelem o real por detrás da cena e impulsionem novas ações a partir de novos acontecimentos, vistos como experiências (WILLIAMS, 2010, p. 207 *apud* PAIXÃO; TREVISAN, 2019, p. 753).

É assim que se procura enfatizar a produção do audiovisual comprometido com o engajamento social, que surge como um “recurso de esperança”, nos termos do próprio Williams, para a construção de uma cultura em comum, onde cultura não é experiência particular, mas sim, experiência compartilhada socialmente (WILLIAMS, 1989).

Para pensar a possibilidade de construir novos modos de aprender e apreender o que vem a ser o outro inserido na cultura de quem o recebe, faz-se necessária a promoção da realização de um “exercício crítico”, ao “aprender e aceitar velhos e novos modos de pensar e sentir”, através da “crítica”, “uma atividade social que deve dotar os indivíduos de condições para dar respostas individuais no conjunto das atividades sociais que participam” (PAIXÃO, 2017, p. 24).

A inclusão do tema infância na produção de registros audiovisuais pode ser vinculada ao pensamento de que as crianças constituem parte da sociedade e desempenham um papel crucial junto às esferas políticas, sociais, econômicas e científicas. A visibilidade do debate para os Estudos Sociais da Infância¹² deveria ser, portanto, objeto de centralidade para contribuição na compreensão de questões que abrangem a sociedade como um todo. Desse modo, é possível conceber que, os trabalhos envolvendo crianças e métodos educacionais específicos que despertem o senso crítico, aliados ao registro audiovisual, podem gerar minimamente o desejo de

¹² Jens Qvortrup (1993) é uma referência no campo dos Estudos Sociais da Infância. Maria Letícia Nascimento (2011) traduziu o texto do autor "Nove teses sobre a infância como fenômeno social" onde é possível problematizar as dificuldades que as crianças em crise vivenciam e sua relação com o conceito de infância como um desafio societário.

iniciativas, comprometimento e engajamento com a transformação social, tendo em vista, no caso da discussão desse artigo, o foco no tema dos refugiados.

Não parece ser fácil, pensar nos dias atuais, sobre possíveis investimentos para a produção de novos documentários críticos financiados pelos governos, principalmente tendo em vista a temática de crianças em situação de refúgio em conjunto com o acentuamento de novas crises político-econômico-sociais, mas é preciso haver criatividade e iniciativa, seguindo muitas vezes vias não-convencionais, como por exemplo, pensar a possibilidade da produção de curtas-metragem de qualidade com baixo custo, bem ensinada por Molleta (2009). Que possamos nos inspirar em Raymond Williams, ao dedicar-se e ter lutado por uma sociedade mais participativa e democrática¹³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que diante do discurso praticamente hegemônico de intolerância contra os refugiados, veiculado nos diversos meios de comunicação contemporâneo, esse artigo objetivou trazer uma reflexão sobre a visibilidade da criança refugiada, ao realizar-se uma discussão teórica sobre a influência do documentário dirigido para o público infantil, como instrumento de informação, mobilização e sensibilização.

Entretanto, se por um lado pode ser promovida uma sensibilização com ênfase para uma mudança cultural societária, antes disso, e para que isso ocorra, o documentário ou outras produções midiáticas culturais não são por si só suficientes para o enfrentamento da problemática em questão, pois o investimento em campanhas e outras fontes de esclarecimento e informação, devem colaborar com o modo como o fenômeno do refúgio deve ser compreendido e debatido.

Sobretudo é na Educação Básica que a informação deve ser transmitida e problematizada, como no caso de oficinas temáticas onde a própria criança participa, experimentando vivências e experiências enfrentadas na situação de refúgio, para despertar a empatia e a capacidade de melhor compreensão sobre o assunto, como sugerem didaticamente Silva e Filizola (2019). Tal aprendizado proveniente das referidas oficinas deve também promover uma comunicação estreita entre as instituições de ensino, famílias das crianças e suas comunidades, para que o diálogo

¹³ Recomenda-se a leitura do artigo escrito por Paixão (2018), citado a seguir no item "Referências", para mais informações sobre Raymond Williams e a educação democrática.

intercultural possa fazer parte do cotidiano, como já é realidade em outros países como por exemplo, na Alemanha.

Urge um engajamento social por parte de educadores e outros atores sociais que estejam envolvidos com o assunto do refúgio na infância e com os Estudos Culturais, pois além do documentário, que deve ser visto como alternativa de um compromisso social para com o debate dirigido à referida temática, a propagação do vídeo nas plataformas das redes sociais, também pode ser ferramenta acessível e popular. Desse modo, tais ferramentas podem constituir estratégias que reconquistem a capacidade de poder ver, perceber, interpretar criticamente, assumir a responsabilidade de compromisso e respeito com o outro.

Outra iniciativa que complementa a inspiração de trazer a ideia do vídeo com o tema do refúgio na protagonização da criança, seria estimular novos estudos e pesquisas, dando voz também às crianças que vivem nos países que recebem os refugiados, como foi realizado na Alemanha na pesquisa de Götz e Holler (2016).

É função dos educadores em conjunto com os atores sociais envolvidos com o tema dos Estudos Culturais disseminar, incentivar e propor de modo prático e criativo, alternativas para visualização da criança refugiada e sua integração no país de acolhida (BANO, 2019). Desse modo, a construção de uma "cultura em comum", que para Williams (1989), seria uma cultura de todos, deve ser compartilhada, sem distinção de grupos, classes sociais e país de origem.

REFERÊNCIAS

ACNUR. **Número de pessoas deslocadas no mundo chega a 70,8 milhões, diz ACNUR.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/numero-de-pessoas-deslocadas-no-mundo-chega-a-708-milhoes-diz-acnur/>. Acesso em: 07 abr. 2020.

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação.** São Paulo: Paz & Terra, 1995.

ALEMANHA registra migração recorde. **Deutsche Welle**, 21 mar.2016. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/alemanha-registra-imigra%C3%A7%C3%A3o-recorde-em-2015/a-19132160> . Acesso em: 06 jul. 2020.

ARSLAN, Emre; BOZAY, Kemal. **Symbolische Ordnung und Flüchtlingsbewegungen in der Einwanderungsgesellschaft.** Wiesbaden: Springer VS, 2019.

BANO, Issaka Mainassara. **Por uma construção cultural:** crianças e adolescentes refugiados africanos em São Paulo. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2019.

BRASIL. Instrução Normativa nº 36, de 14 de dezembro de 2004, revogada pela Instrução Normativa nº 54, de 2 de maio de 2006. Estabelece critérios para a classificação das empresas produtoras proponentes de projetos de produção independente de obras audiovisuais brasileiras para fins de captação de recursos e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2004. Disponível em: <https://www.ancine.gov.br/pt-br/legislacao/instrucoes-normativas-consolidadas/instru-o-normativa-n-54-de-2-de-maio-de-2006>. Acesso em: 30 abr. 2020.

BRASILEIRO é mais tolerante à entrada de refugiados do que a média internacional, mostra pesquisa. **BBC Brasil**, 19 jun. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48683509>. Acesso em: 12 abr. 2020.

BIEMANN, Christoph. Jenseits der anonymen Masse: das Flüchtlingskind Tiba. Genia Baranowski. **TelevIZion**, Köln, v. 29, n. 2, p. 32-33, 2016. Disponível em: http://www.br-online.de/jugend/izi/deutsch/publikation/televizion/29_2016_2.htm. Acesso em: 07 abr. 2020.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

DIE Sendung mit der Maus. **Wie geht's eigentlich Tiba?** Christoph hat sie besucht und mal nachgefragt. Facebook. 16 abr. 2019. 1 minuto 41 segundos. Disponível em: <https://www.facebook.com/DieSendungmitderMaus/videos/1080123075526364/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

FLÜCHTLINGSKIND Tiba. Direção de Malin Büttner e Christoph Biemann. Köln: **WDR/ Die Sendung mit der Maus**, 2015-2017 (59 min.). Documentário dividido em 8 episódios, transmitidos via televisão e disponível *online* em: https://www.wdrmaus.de/filme/sachgeschichten/fluechtlingskind_tiba_teil1.php5. Acesso em: 10 abr. 2020.

GÖTZ, Maya; HOLLER, Andrea. Wie Kinder und Jugendliche das Thema Geflüchtete verstehen: eine Studienreihe zu wissen, Mediennutzung, emotionalen Einstellungen und Emotionen. IZI (Internationales Zentralinstitut das Jugend- und Bildungsfernsehen)/LfM (Landesanstalt für Medien Nordrhein-Westfalen), **TelevIZion**, Köln, v. 29, n. 2, p. 4-10, 2016. Disponível em: http://www.br-online.de/jugend/izi/deutsch/publikation/televizion/29_2016_2.htm. Acesso em: 07 abr. 2020.

HALLER, Max (Hg.). **Migration und Integration: Fakten oder Mythen?** Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2019.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Tradução: Maria Elisa Cevasco. 2ª edição. São Paulo: Editora Atica, 2000.

JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas, SP: Papirus, 1994.— (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico), 12 ed. 2008.

KESSLER, Elke; BUT, Dajana; WAGNER, Annette. **Menschen flüchten zu uns: Handreichung für das Gesellschaftsbezogene Lernen im Sachunterricht**. Hamburg:

Freie und Hansestadt Hamburg Behörde für Schule und Berufsbildung Landesinstitut für Lehrerbildung und Schulentwicklung, 2017. Disponível em: https://edoc.sub.uni-hamburg.de/hlb/volltexte/2017/185/pdf/download_pdf_menschen_fluechten_zu_uns.pdf. Acesso em: 29 jun. 2020.

LAUFEN, Kai; MAEGERLE, Ton; NEUMANN, Ulrich; OSBURG, Enno. Wie AfD und rechte Gruppen Corona zur Hetze gegen Flüchtlinge nutzen. **SWR, Report Mainz, Das Erste**. Programa transmitido em 24 mar. 2020. Disponível em: <https://www.swr.de/report/hass-im-netz-wie-afd-und-rechte-gruppen-corona-zur-hetze-gegen-fluechtlinge-nutzen/-/id=233454/did=25212080/nid=233454/eflgrf/index.html>. Acesso em 12 abr. 2020.

LOBATO, José Augusto Mendes. **O “consumo” da dor do outro e a mobilização afetiva**: imagem evenemencial e mediação de alteridade em “fogo mar”. *Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul* – v. 18, n. 35, p. 199-217, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/7066/4089>. Acesso em: 30 abr. 2020.

LUTTER, Eva; WESTPHAL, Manuela. **Familie in Kontext von Fluchtmigration**. Bundeszentrale für politische Bildung. Dossier Gangsterläufer, 12 mai. 2015. Disponível em: <https://www.bpb.de/politik/innenpolitik/gangsterlaeufer/200860/familie-im-kontext-von-fluchtmigration>. Acesso em: 6 jul. 2020.

MOLLETA, Alex. **Curta-metragem em vídeo digital**: uma proposta para produções de baixo custo. São Paulo: Summus, 2009.

ÖSTERREICHISCHES Bundesministerium für Bildung, Abteilung Schulpsychologie-Bildungsberatung, Schulinformation. **Unterrichtsmaterialien**. Disponível em: <http://www.schulpsychologie.at/psychologische-gesundheitsfoerderung/integration-von-fluechtlingskindern/praktische-hinweise-arbeitsblaetter-etc/unterrichtsmaterialien>. Acesso em: 29 jun. 2020.

PAÍSES europeus vão acolher 1.600 menores refugiados. **Deutsche Welle**, 12 mar. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/pa%C3%ADses-europeus-v%C3%A3o-acolher-1600-menores-refugiados/a-52748621>. Acesso em: 6 jul. 2020.

PAIXÃO, Alexandre Henrique. Raymond Williams: história intelectual inglesa, cultura e educação de adultos no pós-guerra. In: **41ª ANPOCS-GT 15**: Intelectuais, democracia e dilemas contemporâneos, 2017. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt15-26/10732-raymond-williams-historia-intelectual-inglesa-cultura-e-educacao-de-adultos-no-pos-guerra/file>. Acesso em: 10 abr. 2020.

PAIXÃO, Alexandre Henrique. Raymond Williams e a educação democrática. **Educ. Soc.** Campinas. v. 39, n. 145, p. 1004-1022, dez. 2018.

PAIXÃO, Alexandre Henrique; TREVISAN, Anderson Ricardo. Cinema educativo em cena: Raymond Williams, análise fílmica e produção de um saber. **ETD- Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 21, n. 3, p.738-759, jul./set. 2019. Disponível

em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8652292>. Acesso em: 30 abr. 2020.

PARRODE, Alexandre. Ouça entrevista em que Bolsonaro chama refugiados de "escória" e sugere infarto a Dilma. **Jornal Opção**, Goiânia, ed. 2098, 2015. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/ouca-entrevista-em-que-bolsonaro-chama-refugiados-de-escoria-e-sugere-infarto-a-dilma-46313/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes**: conceitos e metodologia(s). In: VI Congresso SOPCOM, Anais eletrônicos. Lisboa: SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em 06 jul. 2020.

QUALITÄTS-und Unterstützung Agentur – Landeinstitut für Schule. **QUA-LiS NRW Schulentwicklung**: Material Flucht und Asyl, 2020. Disponível em: <https://www.schulentwicklung.nrw.de/cms/material-flucht-und-asyl/portraits/>. Acesso em: 29 jun. 2020.

QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a "infância como um fenômeno social". **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 199-211, Abr. 2011.

SAIA do meu país: agressão a refugiado no Rio expõe a xenofobia no Brasil. **Carta Capital online**, 04 ago. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/Politica/saia-do-meu-pais-agressao-a-refugiado-no-rio-expoe-a-xenofobia-no-brasil/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

SILVA, Maria Cristina Borges da Silva; FILIZOLA, Roberto. **(In)Justiça social**: demandas e na educação. 1ª. ed. Curitiba: Appris, 2019.

SÖHN, Janina; MARQUARDSEN, Kai (Hg.). **Erfolgsfaktoren für die Integration von Flüchtlingen**. Göttingen: Bundesministerium für Arbeit und Soziales, Soziologisches Forschungsinstitut Göttingen (SOFI) an der Georg-August-Universität Friedländer. Disponível em: <https://www.bmas.de/DE/Service/Medien/Publikationen/Forschungsberichte/Forschungsberichte-Arbeitsmarkt/fb-484-erfolgsfaktoren-integration-fluechtlinge.html>. Acesso em: 6 jul. 2020.

WAS denkt die Bevölkerung. **Mediendienst**: Integration, 2018. Disponível em: <https://mediendienst-integration.de/integration/einstellungen.html>. Acesso em: 12 abr. 2020.

WILLIAMS, Raymond. Discussão: texto e encenação. In: WILLIAMS, Raymond. Drama em cena. São Paulo: Cosac Naif, 2010. In: PAIXÃO, Alexandro Henrique; TREVISAN, Anderson Ricardo. Cinema educativo em cena: Raymond Williams, análise fílmica e produção de um saber. **ETD- Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 21, n. 3, p.738-759, jul./set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8652292>. Acesso em: 30 abr. 2020.

WILLIAMS, Raymond. The idea of a common culture. In: **Resources of hope**: culture, democracy, socialism. London/New York: Verso, 1989.

WILLIAMS, Raymond. **Literature and marxism**. Oxford/ New York: Oxford University Press, 1977.

NOTAS

DOCUMENTÁRIO DIRIGIDO PARA O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL: UM RECURSO PARA A VISIBILIDADE DA CRIANÇA REFUGIADA

Documentary aimed at children and youth: a resource for the visibility of the refugee child

Susy Cristina **RODRIGUES**
Doutora em Educação
Pesquisadora autônoma
Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Campinas, Brasil
susy_crs@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-3017-5787>

Endereço de correspondência do principal autor

Jahnstraße 20, Köln, 51147, Nordrhein-Westfalen, Deutschland.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o professor Dr. Alexandro Henrique Paixão por ter me apresentado a obra de Raymond Williams, fonte de inspiração que contribuiu para a realização desse manuscrito.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: S. C. Rodrigues

Coleta de dados: S. C. Rodrigues

Análise de dados: S. C. Rodrigues

Discussão dos resultados: S. C. Rodrigues

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância

- NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista
Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista
Recebido em: 30-04-2020 – Aprovado em: 23-07-2020